

**Resenha do livro:**

**MARTINS, André Silva. A Direita para o Social. A Educação da Sociabilidade no Brasil Contemporâneo. Juiz de Fora, Editora da UFJF, 2009, 279 p.**

**Resenha de Lorene Figueiredo<sup>1</sup>**

Como escreveu Marx na Crítica a Filosofia do Direito de Hegel: “As armas da crítica não podem, de fato, substituir a crítica das armas; a força material tem de ser deposta por força material, mas a teoria também se converte em força material uma vez que se apossa dos homens”. O trabalho em foco filia-se a esta tradição/afirmação. Este livro é fruto da pesquisa de doutorado que objetivou responder as seguintes questões: - O empresariado no Brasil é de fato portador de um novo projeto para reordenar a sociabilidade? E também: - Se existe um novo projeto, em que consiste o seu conteúdo e quais são as estratégias de implementação?

O autor tem como referencial teórico mais amplo o marxismo e em especial a teoria do estado ampliado de Gramsci e a noção de sociabilidade deste autor. A atualização da teoria gramsciana é feita a partir de cuidadosa releitura da noção de estado relacional de Poulantzas e da categoria bloco no poder. A pesquisa utilizou uma robusta base empírica ancorada em fontes documentais e produção bibliográfica para captar o movimento da classe empresarial tanto no âmbito da sociedade civil quanto do aparelho de Estado. O desenvolvimento do estudo está apresentado em seis capítulos.

**O primeiro capítulo** se dedica a reconstituição do contexto histórico do século XX no qual as relações sociais de produção se complexificam tornando mais elaborados os mecanismos e os espaços de construção da sociabilidade. Neste capítulo também se apresentam os elementos de crise estrutural que colocam em xeque não só o padrão de acumulação de capital como os elementos superestruturais que o garantem necessitando de novo arranjo societal.

Além das condições estruturais, apresenta um rico quadro dos aparelhos culturais difusores de nova sociabilidade. No âmbito do Estado o modelo plasmado garantiu a relação tripartite entre capital e trabalho com a mediação do aparelho de estado. Para os demais países fora do centro desenvolvido este é o período de expansão do capital monopolista, das empresas multinacionais, de organismos que como aparelhos privados de hegemonia reorganizaram a produção da existência em âmbito mundial. Na América Latina, observamos o uso da coerção através das ditaduras militares para reforçar a posição de desenvolvimento associado e dependente que interessava a parcela do empresariado ligada ao grande capital estrangeiro e que já funcionava no sentido da financeirização crescente.

**O segundo capítulo** apresenta a saída conservadora para a crise do final do século XX. Caracteriza o neoliberalismo como base do posicionamento político assumido pela classe empresarial. MARTINS se concentra nos fundamentos ético - políticos da nova sociabilidade capitalista. O autor nos oferece uma análise primorosa das teses do principal intelectual crítico do keynesianismo: F. Hayek. É um importante exercício de recuperação dos fundamentos do pensamento liberal contemporâneo que serve de sustentação teórica

para as escolas ortodoxas. MARTINS ressalta o caráter contraditório do pensamento de Hayek, seu elevado grau de abstração e a ideologia conservadora que o alimenta através das ferramentas teóricas já elencadas. Sintetizando assinala que a sociabilidade neoliberal tem no “individualismo como valor moral radical” e na concorrência seus fundamentos centrais, além disso, a democracia é vista como um instrumento utilitário para “salvaguardar a paz interna e a liberdade individual”.

No **terceiro capítulo** é apresentada a atualização do projeto liberal para o século XXI através do movimento chamado “Terceira Via” ou “Governança Progressista” analisando os fundamentos do programa em questão e sua referência no pensamento de F. Hayek busca demonstrar que esta “nova” sociabilidade é uma versão “requintada” do neoliberalismo.

São apresentados pelo autor com uma enorme riqueza de dados cuidadosamente ordenados os espaços e tempos de reorganização nos quais as lideranças mundiais se encontram sendo um exemplo a Cúpula de Governança Progressiva. MARTINS nos apresenta um quadro rico de elementos para pensar as atualizações do projeto liberal. A partir de Giddens e de Bresser Pereira, divulgadores do projeto são elencados os três pontos principais do programa: A sociedade civil ativa; o individualismo como valor moral radical, novo estado democrático.

Nosso autor comprova que se estas mudanças significaram a possibilidade de ampliar a valorização de capital pela exploração da área de proteção social. Por outro lado, exigem que o empresariado também assuma novas posturas reeducando e sendo reeducado em uma nova sociabilidade foco da análise da pesquisa. As propostas para a política educacional recebem especial atenção e é nesta seção que podemos identificar os aspectos agressivos e regressivos das políticas da Terceira Via que mantém as privatizações e a redução dos gastos com a educação pública.

A **partir do quarto capítulo** o autor analisa a Terceira Via na realidade brasileira. Primeiro o período de crise e recomposição de hegemonia expresso pelo longo período do final da ditadura empresarial-militar até a edição do plano real (1980 a 1994). Emergem em toda a sua complexidade as fissuras do bloco no poder a partir do esgotamento da ditadura empresarial-militar. As teses neoliberais tiveram que ser confrontadas com a ainda forte identificação do empresariado brasileiro com o desenvolvimentismo. Contudo, as idéias neoliberais encontraram terreno fértil em especial nos temas como economia, cidadania e educação. O capítulo é um elo importante na materialização dessa política no âmbito mundial e local. São explicitados os vínculos a partir dos organismos estudados e pela atuação do empresariado e seus intelectuais orgânicos.

A ideologia da eficiência e da qualidade empresarial chega à educação.

Não passam ao largo as ações dos empresários que articularam um organismo para a aproximação com o PT; sua corrente majoritária vinha em uma crescente aproximação do centro radical e o capítulo em questão mostra como este processo se inicia.

O **quinto capítulo** traz uma análise do período de governo FHC tendo como foco o desenvolvimento de um conjunto de aparelhos privados de hegemonia. Através deste exercício o autor nos oferece dados que comprovam o empenho e a intencionalidade da classe empresarial no rearranjo da sociabilidade no Brasil.

MARTINS considera que o Brasil ingressa no neoliberalismo, de fato, com a eleição de Fernando Henrique Cardoso e isso nos coloca tardiamente no campo das políticas neoliberais fazendo com que no país este projeto se manifeste já como Terceira

Via. São analisados neste capítulo os aparelhos formuladores da ideologia da responsabilidade social como o Grupo de Institutos, Fundações e empresas (GIFE) e o Instituto Ethos de empresas e responsabilidade social. Com MARTINS acompanhamos também a superação tanto conceitual como prática do momento de filantropia empresarial pelo de responsabilidade social e da cidadania corporativa e o desenvolvimento do chamado terceiro setor como estratégico.

**O último capítulo** apresenta o primeiro governo Lula da Silva no qual, segundo o autor, a classe empresarial encontrou o apoio para ampliar sua intervenção “pedagógica” através dos aparelhos formuladores e dos difusores desta nova sociabilidade. Martins nos demonstra a permanência e a ampliação do projeto da Terceira Via a partir deste governo em seus aspectos econômicos, políticos e sociais. O autor comprova que há uma direita preocupada com “o social” e também há uma esquerda prestadora de serviços políticos para o capital.

São apresentados novos aparelhos que se somam aos anteriores na conformação de nova sociabilidade. A Rede de Informação do Terceiros Setor (RITS) que surgiu a partir do Comunitas. Estes instrumentos receberam financiamento de grandes organismos internacionais como a Fundação Ford, o Banco Mundial, OEA para citar os mais conhecidos. Uma análise primorosa das relações por dentro da estrutura do estado revela os mecanismos de financiamento e co-gestão dos programas que sustentam a nova cidadania ativa, da nova cultura cívica.

Novos conselhos, fóruns, programas são criados demonstrando pela análise trazida pelo autor a ampliação da participação da classe empresarial fortalecendo o bloco no poder, alicerçando a hegemonia burguesa. Por outro lado observamos que em parte o êxito deste processo educativo se deve também a adesão de aparelhos que historicamente organizavam o campo dos trabalhadores como os já citados CERIS (CNBB) e CUT. Para finalizar a análise deste capítulo o autor aborda o ingresso de novos aparelhos privados de hegemonia no projeto como as Igrejas evangélicas, entidades já organizadas pela Igreja Católica, as OCIPS e o financiamento da FEBRABAN. E a vitrine do governo Lula da Silva: o Programa Fome Zero.

O fato de termos os dois principais governos das últimas décadas, FHC e Lula, analisados com a riqueza de fontes que o autor apresenta e a linha argumentativa que mostra a continuidade e aprofundamento da política operada representam uma importante ferramenta de intervenção teórica e prática filiando-se à melhor tradição marxista.

Considero a obra de MARTINS leitura obrigatória para todos aqueles que tanto na vida acadêmica como na inserção prática seja no trabalho ou nos movimentos sociais e político-partidários adotam o ponto de vista da classe trabalhadora. Este trabalho se apresenta como instrumento indispensável na luta pela construção de uma sociabilidade que seja a expressão como diria Marx, do gozo e da fruição, da vivência substantiva do sentido de humanidade que cada um e todos nós carregamos, mas que nos é subtraído pela sociabilidade desenvolvida sob as bases das relações sociais de produção alienantes e cada vez mais expropriadoras ainda que com um verniz supostamente humanitário prática esta revelada de maneira irrefutável pelo autor.

---

<sup>1</sup> Professora Assistente da Universidade Federal Fluminense; doutoranda do Programa de Pós Graduação em Política Pública e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: lorenefigueiredo@gmail.com